

João-Maria Vilanova - um poeta que morreu por Angola

Se o espírito do homem não viver por grandes causas, o seu corpo pode morrer em qualquer dia.

Não é despidendo que em Portugal um poeta ponha termo à vida com Angola no coração. Inconformados ou resignados, muitos já foram os que, antigos habitantes do "paraíso perdido", colonos e naturais, chegaram ao fim de uma ausência não desejada sem terem conseguido vencer um sentimento de perda que, quando plasma da memória, também se chama saudade e que para alguns foi como morrer duas vezes. Mas estes, diferentemente de João-Maria Vilanova, não decidiram quando deveriam morrer - foram morrendo lentamente até ao último suspiro.

O que se conhece deste homem e poeta angolano, português de origem mas angolano de vivência, que sempre encobriu o nome verdadeiro, local de nascimento, profissão e estado civil, não autoriza a dizer, aprioristicamente, que ele morreu por Angola. Mas ninguém hesitará em reconhecer que ele deixou o mundo dos vivos com Angola no coração.

Consiste a obra publicada de João-Maria Vilanova em poemas e artigos dispersos por jornais e revistas de países de língua oficial portuguesa, e outros, designadamente no semanário *ÁFRICA*, de Lisboa, em 1990/91; na criação, ainda em 1974, de uma revista, que teve um só número e o emblemático título de "Ngoma" (instrumento musical de percussão=tambor); e em três pequenos livros somando 68 poemas, editados em Angola, tendo o último já saído com o autor no "exílio": "Vinte Canções para Ximinha" (1971), "Caderno dum Guerrilheiro" (1974) e "Mar da minha terra & outros poemas" (2004). A *Editorial Caminho*, em 2004, reeditou os dois primeiros livros, num único volume, com o título genérico de "Poesia".

Não ficou em África, depois de 1975, por razões que não se prendem com a incerteza de poder prosseguir a profissão de jurista ou outra qualquer que lhe aprovesse; não voltou a Angola, nem de visita, sabendo que seria acolhido de braços abertos; e em Portugal, do que é possível deduzir, foi um chefe de família normal. Porque decidiu então lançar-se das alturas de um prédio para a morte, como num voo para o éter que não era previsível? Talvez a resposta plena que corrigirá todas as presunções esteja no espólio documental, incluindo a obra inédita que por qualquer razão ele não quis publicar em vida. Mas uma coisa é certa: morreu com Angola no coração aquele poeta oculto sob um pseudónimo que acabou sentindo Portugal como o último cais e que, evocando (sem o nomear no poema "Mar da minha terra") Fernando Pessoa, disse como ele: "Todo o cais é uma saudade de pedra".

A ocultação permitia a Vilanova não ter de se isolar no último lugar do mundo (onde já se encontravam auto-exilados outros camaradas de luta) para não ser pressionado a dar respostas que porventura feririam o seu coração angolano já atormentado pelas visões de uma África hoje submetida a outras formas de opressão e exploração. Mesmo pensando que os ideais do passado valiam por si mesmos, não poderia, agora, dizer "enganei-me" ou "enganaram-me", tão-pouco manifestar a crença numa nova utopia, ou num novo "mito criador" que congregasse as puras vontades (como lhe chamou um confrade angolano ?desencantado?), não tendo uma resposta certa à pergunta inevitável: "E agora, que fazer?".

O que hoje mais perturba é pensar se a resposta não está naquele imprevisível salto espectacular das alturas de um prédio para a morte, como num voo para a posteridade. E se com esse salto ele não terá desejado afirmar, pela escolha de um meio retumbante que desafiava o "costume" prosaico dos deprimidos e que opunha a lógica à absurdidade, que o seu ego angolano não se satisfaria com um "exílio" eterno ou uma "fuga" para qualquer "Sul" ou "Margem" com "paisagens propícias", como sucedeu a ex-"compagnons de route" desiludidos por não verem realizada a "utopia" de todos os angolanos livres e felizes, sem se interrogarem se o que fizeram realmente por ela teve algum efeito ou importância.

Camus começou *O Mito de Sísifo* com uma questão: "Só há um problema sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia."

Prisioneiro no "círculo de giz" que foi o anonimato que lhe permitiu defender a grande causa da sua vida de escritor comprometido com a libertação de Angola e da África toda, a resposta de João-Maria Vilanova à filosofia seria fácil: se o espírito do homem não viver por grandes causas, o seu corpo pode morrer em qualquer dia.